

Formação de professores em educação patrimonial: conteúdos, metodologia, práticas. Relato de uma experiência em andamento.

Gabriel de Andrade Fernandes*

Samira Bueno Chahin**

Entre os dias 19 de maio e 30 de junho de 2012, ocorreu, no Centro de Preservação Cultural da Universidade de São Paulo (CPC-USP), um curso destinado a professores da rede pública de ensino, voltado à problemática da educação patrimonial. Intitulado **Formação de professores em educação patrimonial: conteúdos, metodologia e práticas**, a iniciativa surgiu de avaliações feitas pelo órgão sobre sua atuação no campo da educação patrimonial, ao longo dos últimos anos. O curso foi ministrado pela arquiteta Samira Chahin(1) e contou com o apoio da equipe de Educação e Memória do CPC(2).

1 Justificativa e objetivos

A atuação do Centro de Preservação Cultural, no campo da educação patrimonial, ocorre desde o início de suas atividades na Casa de Dona Yayá, sua atual sede, e remonta às ações ligadas ao Canteiro-Escola que a então Comissão do Patrimônio Cultural (antecessora direta do Centro) desenvolvia em alguns bens patrimoniais da Universidade. Tais ações no campo da educação articulam-se ao programa *Memória e uso qualificado do Patrimônio Cultural*(3), um de seus quatro eixos de trabalho, e desenvolvem-se em um conjunto variado de frentes (na educação formal e na informal, atuando com crianças, adolescentes, jovens ou adultos), de modo a dialogar com os mais variados grupos e manifestações sociais. Atualmente, devido a se entender como necessária e prioritária a consolidação da atuação do órgão junto aos agentes da educação formal e à sua rede, às ações de educação patrimonial do CPC soma-se um projeto de formação continuada, voltado prioritariamente aos professores da rede pública de ensino.

A razão para implementação desta nova frente de trabalho decorre, em um primeiro momento, da intenção de fortalecer a articulação entre o CPC e a rede de agentes de ensino ligados à educação formal, ampliando o raio de atuação do órgão no âmbito dos objetivos da extensão universitária. Em um segundo momento, o trabalho voltado a uma formação específica sobre os temas da educação patrimonial justifica-se pela verificação de certa dificuldade (seja de ordem conceitual e teórica, seja de ordem empírica e metodológica), por parte dos professores até então envolvidos nas ações de educação

patrimonial do CPC, em lidar com a problemática do patrimônio cultural no cotidiano escolar: seus discursos ainda se encontram atrelados a uma concepção oficialista e tradicional de patrimônio, por vezes limitada à noção de monumento, e focado sobre o reconhecimento de sítios ligados à memória e à história oficial, institucionalmente legitimadas e vinculadas aos grandes feitos e personagens presentes nas narrativas hegemônicas. Tal postura, frequentemente, acaba por ignorar as dimensões múltiplas do patrimônio cultural, encontradas nas esferas do cotidiano e dos lugares de vida dos sujeitos, bem como abre mão inconscientemente das possibilidades e potencialidades que tais dimensões sugerem, como meio de valoração das manifestações culturais locais.

Verificam-se certas posturas, ante determinados conceitos vitais para o desenvolvimento de uma ação cultural sobre o patrimônio, que se revelam deficitárias do ponto de vista teórico conceitual, e problemáticas, quando aplicadas em um processo educativo, tal como a superficialidade no uso do conceito de memória, sua relação com a história vivida e com a disciplina histórica, assim como com o próprio conceito de cultura (que, por vezes, exclui manifestações que não estejam enquadradas em preconceitos binomiais entre a cultura popular e a erudita). Por fim, percebe-se uma tendência, entre os educadores, de disseminar discursos que associam a defesa do patrimônio à necessidade de “conscientizar” as pessoas a respeito do tema — ignorando, aliás, a valoração patrimonial implícita e presente nos fluxos da própria vida. Trata-se, no fundo, da repercussão, por parte de tais professores, de uma proposta de ação educativa que Paulo Freire possivelmente entenderia como “invasão cultural” (FREIRE, 2002), visto que busca incutir, nos sujeitos educandos, valores e elementos constitutivos de culturas que lhes são alienígenas, apequenando, nesse processo, seus próprios valores culturais e elementos constitutivos de sua cultura. Tal conjunto de atitudes e pontos de vista sobre o patrimônio cultural podem levar, inconscientemente, à difusão e reprodução de discursos ideológicos dominantes, enfraquecendo os vínculos e valores culturais locais.

Tendo em perspectiva este conjunto de fatores, a realização de um curso voltado à formação de professores foi pensada e articulada, desde meados de 2011, pela equipe de educação do CPC. Sua materialização reuniu cerca de 30 educadores em uma série de encontros, que duraram, ao total, 34 horas.

Constituíram objetivos e metas do curso, os seguintes tópicos:

- Contribuir para a formação continuada dos professores da rede pública de ensino, por meio de atividades de extensão universitária;
- Promover a capacitação de professores da rede pública de ensino como agentes de preservação do patrimônio, incentivando a abordagem do patrimônio cultural como tema de projetos didáticos;
- Orientar programas de educação patrimonial na esfera dos bairros, por meio do incentivo de programas locais realizáveis pelas escolas;
- Inserir os bens culturais da Universidade de São Paulo em uma dinâmica de valorização patrimonial, por meio do uso de seus espaços (Casa de Dona Yayá e Museu Paulista) como programas educativos.
- Refletir sobre os significados do patrimônio cultural, relacionando-o a possibilidades pedagógicas;
- Caracterizar os âmbitos material e imaterial do patrimônio cultural, refletindo sobre os processos de preservação praticados pelas políticas públicas;
- Conceituar educação patrimonial, trabalhando suas potencialidades metodológicas;
- Contribuir para a elaboração de projetos de educação patrimonial, nas escolas da rede pública.

Tendo em vista, ainda, a concomitante realização, por parte do CPC, de um conjunto de ações educacionais articuladas a atores atuantes no entorno da Casa de Dona Yayá, e particularmente com duas escolas públicas do bairro(4), fortaleceu-se a divulgação do curso junto aos professores e escolas da região central de São Paulo. O relativo ineditismo desta iniciativa e a ausência de processos similares de formação em outras instâncias, porém, atraiu um público ampliado (que incluiu moradores de bairros distantes, assim como de professores atuantes em outros municípios do Estado), o que fortaleceu o curso e propiciou situações ricas de diálogo e construção coletiva. A maior parte dos educadores inscritos foi formada de profissionais da educação formal; houve também, contudo, interesse e participação de agentes atuantes na educação informal e na educação continuada, o que revela ainda uma lacuna na formação em educação patrimonial, para além das instituições escolares.

2 Sobre a proposta do curso

O curso foi organizado em quatro “itinerários didáticos”, cada um dos quais enfocando um conjunto específico de conteúdos, a partir de três operações metodológicas estruturantes (oficinas temáticas, produção coletiva de material didático e saídas experimentais). Esta configuração permitiu uma integração temática e empírica, uma vez que os elementos constitutivos deste cruzamento foram radicados nos contextos de atuação de cada um dos professores, na realidade cultural de seus alunos, nos espaços de ensino e aprendizado nos quais atuam, nos conteúdos com os quais trabalham, nos saberes coletivos com os quais dialogam.

Os quatro itinerários propostos foram:

Cidade, patrimônio, restauro. Além de introduzir o curso, a problemática do patrimônio cultural e da educação patrimonial, este itinerário enfocou aspectos relacionados à cultura material. Discutiram-se, ainda, questões relacionadas à memória e à história materializadas no patrimônio, como, por exemplo, o papel da pátina em edificações tombadas e o discurso a seu respeito, durante os processos de conservação e restauro, assim como os processos de institucionalização e legitimação do patrimônio, perante os grupos sociais hegemônicos. Enfatizou-se o papel relevante das estruturas edificadas e do conjunto de significados e valores a elas associados, como elementos sensíveis e oportunos para alavancar processos pedagógicos. A “saída experimental” relativa a este itinerário foi ao centro de São Paulo, em um roteiro semiestruturado, que passou por pontos como a Rua Roberto Simonsen e os edifícios do Museu da Cidade de São Paulo, o Pátio do Colégio, Viaduto do Chá, região do Triângulo, adjacências do Teatro Municipal, entre outros. Durante a “oficina temática”, foram lidos e discutidos textos de Silvana Rubino e Marly Rodrigues. Este itinerário foi também complementado por uma exploração do bairro do Bixiga, sugerida aos professores quando da visita à quadra da Vai-Vai, centro da “saída experimental” do segundo itinerário didático.

Cidade, patrimônio, música. Apresentou a problemática relacionada ao patrimônio imaterial, a partir do recorte musical e de suas relações com as demais celebrações culturais, com a religiosidade e com a cidade, sugerindo aos professores que produzissem um mapa de suas referências musicais. O tema permitiu discutir uma noção ampliada de produção e fruição cultural, englobando manifestações populares contemporâneas, como o *funk*, ou manifestações do mercado cultural de massas, como o

sertanejo universitário, contrapostas à cultura erudita da *bossa nova*, por exemplo. Sua saída foi à quadra da Escola de Samba Vai-Vai, e se propôs, como uma vivência, a celebração da *Feijoada a Ogum*, em ocasião da abertura dos trabalhos de preparação para o carnaval do próximo ano. A oficina temática discutiu a relação entre a cidade e música, a partir da leitura do texto de Juliana Pinheiro.

Cidade, patrimônio, museus. Este itinerário abordou a relação entre o patrimônio cultural e sua musealização e institucionalização, assim como sua relação com as entidades culturais, e sua fruição como elemento constitutivo do processo pedagógico. Problematizou as visitas didáticas e o estudo do meio, como ferramentas metodológicas do ensino formal e informal, bem como suas implicações na construção dos diálogos escolares. Os professores realizaram uma visita ao Museu Paulista da Universidade de São Paulo, onde foram atenciosamente recebidos pela educadora Denise Peixoto, que discutiu os lugares-comuns e os equívocos mais recorrentes, no trato das instituições culturais (sobretudo aquelas caracterizadas como bens culturais) como instrumentos de ensino. Às abordagens da “saída experimental” ao Museu Paulista, somou-se a leitura de Maria Célia Santos e diálogos acerca da elaboração de atividades didáticas integradas por visitas a variados espaços culturais.

Cidade, patrimônio, memória. Além de sintetizar todos os demais itinerários e concluir o curso, este procurou problematizar a formalização da memória e sua relação com as práticas cotidianas dos lugares, assim como com as formas de registro do patrimônio, e sua manipulação pelos discursos que se originam a partir delas. Foram lidos textos de Paulo Freire e Maria Célia Paoli. A “saída experimental” foi à cidade de Santana do Parnaíba, cujo núcleo histórico é tombado pelo Condephaat.

O relacionamento entre a ministrante, a equipe de apoio e os professores que tomaram parte do curso se deu, entre outros recursos, por meio de uma página na internet, especialmente produzida para tal fim, no formato de um blog, que reuniu tanto o material previamente preparado para embasar os encontros, quanto aquele aportado pelos professores(5). Devido à intenção de promover novas edições deste curso, assim como outras atividades destinadas a professores, o uso desta ferramenta virtual de diálogo deve ser incorporado à futura versão remodelada do sítio oficial do CPC, de forma a fortalecer

o papel do órgão na difusão, discussão e produção de conhecimento, a respeito do tema da Educação Patrimonial.

3 Participação dos professores e seus produtos

Os encontros do curso foram pensados para acontecer em um ambiente participativo e dialógico, de modo que o envolvimento dos cursistas foi fundamental para sua realização plena. Esta prerrogativa foi celebrada pelos professores, que se dispuseram aos diálogos do curso com entusiasmo, verificado pelo elevado número de contribuições que traziam a cada encontro. A aposta nesse método de formação residiu na vontade de propiciar uma experiência educativa pouco hierarquizada, que, longe de caracterizar-se como perfeita, permitiu uma avaliação das potencialidades e debilidades deste partido de ensino.

A cada encontro, foi solicitado aos professores que fizessem comentários sobre os temas tratados, em uma página específica do blog(6). Esse instrumento de diálogo permitiu que se produzisse um quadro da assimilação dos conteúdos trabalhados ao longo do curso, bem como da interpretação individual de cada um dos temas(7). Os professores demonstraram-se bastante ativos na pesquisa sobre referências e materiais de apoio, em contribuições que foram gradativamente incluídas no blog do curso. Estabeleceu-se, portanto, uma cultura dialógica, tanto no espaço físico de realização do curso, quanto em seu espaço virtual.

O envolvimento dos professores no desenvolvimento do curso foi fundamental para que alguns princípios da educação patrimonial que se pretendiam abordar fossem, eles próprios, efetivamente experimentados, além de meramente apontados. Com base em Paulo Freire, o curso partiu do entendimento de que os processos educativos verdadeiramente libertadores só são possíveis por meio do estabelecimento de uma situação de diálogo, respeitosa, amorosa e humana. Neste sentido, o ato de dialogar sobre o patrimônio (reconhecê-lo, valorá-lo, problematizá-lo) foi incentivado, pela explicitação das múltiplas interpretações sobre suas significações, sobre suas várias possíveis apropriações, sobre o conflito resultante de seu partilhamento coletivo.

A superposição de visões e apropriações, caso criticamente problematizada, sugere a constituição de uma noção mais rica e plural do patrimônio cultural e da produção de

conhecimento feita a partir dele, pois *ninguém educa ninguém, ninguém se educa sozinho, os homens educam-se mutuamente, mediatizados pelo mundo*. (FREIRE, 2002).

Neste sentido, entendíamos como necessária a problematização e o questionamento de materiais didáticos usualmente utilizados em processos de educação patrimonial, que normalmente se constituem por referenciais, alijados da realidade dos alunos, além de tradicionalmente impostos aos professores, por estruturas institucionais hierarquizadas. A partir da confrontação de múltiplos e conflitivos olhares sobre o patrimônio, pretendíamos sugerir aos professores a construção, por parte deles próprios e de seus alunos, de materiais didáticos condizentes com suas demandas individuais e com seus propósitos locais. Por isso, ao longo de todos os encontros, apresentamos e discutimos materiais empregados em processos de educação patrimonial, exercitando o olhar crítico sobre o discurso neles impregnado e sobre as orientações metodológicas por eles sugeridas. Os próprios professores reuniram materiais enviados a suas escolas, e os trouxeram para a discussão propiciada pelos encontros. Assistimos a um rico debate sobre as políticas educacionais realizadas pela administração pública, que, segundo relatos, reitera propostas de interação com espaços culturais da cidade, por meio de “visitas” pouco permeáveis ao cotidiano da sala de aula.

Como elemento de síntese final do processo de aprendizado representado pelo curso, os professores foram estimulados a produzir uma reflexão sobre a “saída experimental” a Santana do Parnaíba, e a criar uma sugestão de atividade didática sobre a condição patrimonial dessa cidade, que pudesse ser trabalhada com seus próprios alunos, em reflexões acerca do patrimônio cultural.

A partir desses resultados, identificamos um conjunto de apropriações da temática do patrimônio e sua relação com os objetivos do curso. Os professores foram sensíveis ao reconhecimento de aspectos múltiplos da expressão cultural da cidade: da importância específica da expressão musical, nas celebrações semanais que ocorrem na cidade, às peculiaridades relativas às suas imagens religiosas. Trabalharam-se temas variados e formularam-se diversos questionamentos, entre os quais: *Por que chamar a cidade de “histórica”? Qual a relação dos moradores com a chamada memória oficial da cidade, estampada em folhetos e divulgações turísticas diversas? Qual a relação entre o cotidiano e a memória?*

Alguns dos trabalhos tomaram a cidade e seu patrimônio edificado (talvez até ignorando certos aspectos do patrimônio, que não se encontram explicitamente materializados) como um instrumento para abordar outros conteúdos, habilidades ou competências, fosse em aspecto interdisciplinar, fosse de um modo tradicionalmente disciplinar. Ou seja, houve projetos que tomaram o patrimônio como um objeto acessório, para a construção de um outro discurso qualquer, minorando seus elementos e temáticas específicas. Outros procuraram sugerir, a seus alunos, operações de desconstrução dos discursos oficiais materializados nos meios de divulgação da cidade, promovendo o questionamento desses informativos, antes mesmo de suas leituras. Uma falta de tato com o tratamento das fontes primárias, provavelmente induzida pelo incentivo crítico da proposta inicial do curso, que, por vezes, ignorou as possibilidades da vivência individual dessas materializações discursivas, promovendo um preconceito oposto àquele mais recorrente entre visitantes que procuram a “cidade histórica”: enquanto estes se voltam principalmente aos espaços e manifestações circunscritos ao discurso oficial e panfletário, aqueles acabam conduzindo a experiência do patrimônio cultural para fora dos limites da oficialidade. Ambos os tipos de projetos, em nossa avaliação, acabaram diminuindo a potencialidade didática que o contato direto com as múltiplas dimensões culturais presentes nos lugares da cidade possibilita.

Em outros casos, os professores pretendiam sugerir aos alunos que isolassem alguns elementos da cidade e os trabalhassem, em uma espécie de operação metonímica de representação da cidade e do patrimônio. Apesar da sensibilidade em identificar elementos simbólicos das manifestações culturais daquela cidade, tal proposta sugeria a priori a formatação de um produto, direcionando não só o olhar, como a prática, sobre o lugar e suas possíveis representações futuras. A produção de representações e apropriações dos lugares por parte dos alunos daqueles professores poderia, ao contrário de ser entendidas apenas como o resultado da visita, ser encarada como mais um tema gerador, a ser utilizado em um processo contínuo de aprendizagem.

4 Balanço

A leitura e análise dos projetos apresentados nos lançou um novo conjunto de desafios. Avaliamos que o curso foi satisfatório em suscitar reflexões sobre miradas recorrentes sobre o patrimônio e acerca de preconceitos a respeito delas, uma vez que efetivamente

percebemos o alargamento da noção de patrimônio, no repertório dos participantes. Mudança de atitude que, em alguma medida, se assemelha à ampliação conceitual pela qual o campo passou durante finais do século XX. Do patrimônio ligado aos personagens da história oficial, passou-se a uma compreensão mais pormenorizada da multiplicidade de manifestações culturais que constituem o patrimônio dos vários grupos sociais.

A problematização e a determinação das atividades sobre o patrimônio cultural, no entanto, ainda nos parecem deficitárias e impregnadas por certos equívocos conceituais, apesar do enorme avanço verificado. Avaliamos a necessidade de um estudo mais detido sobre as dimensões conceituais do patrimônio, por meio da proposição de um projeto complementar mais pontual, que dê continuidade ao curso(8).

Alguns dos temas e problemas identificados podem ser sintetizados nos seguintes elementos: seleção/apropriação de elementos do patrimônio (produção de discurso e de ideologia); instrumentalização do patrimônio como operação metodológica, reificando o patrimônio para algo alienígena a ele (qual relação se estabelece entre os conteúdos próprios do patrimônio e aqueles próprios da educação formal?); sensibilidade sobre as múltiplas dimensões do patrimônio (experiência livre do patrimônio, em oposição à definição prévia e direcionada da operação cognitiva a ser conduzida sobre eles por parte dos estudantes); identificação, uso e manipulação de fontes (a experiência da fonte, em oposição à identificação prévia aos estudantes de seu discurso implícito).

5 Continuidade e perspectivas futuras

A fim de que esta iniciativa não se transforme em apenas um evento pontual realizado pelo Centro, desvinculado das demais ações de educação patrimonial do órgão, entendemos que ela poderia ser o início do estabelecimento de um diálogo contínuo com os professores da rede pública. Dessa forma, vislumbramos a realização de uma segunda edição do curso, bem como discutimos uma proposta de laboratório didático permanente(9), que faça complementações e propicie o envolvimento continuado dos professores participantes do curso de formação. A proposta deste laboratório, ainda em processo de formulação, está sendo imaginada para acontecer entre as edições do curso de formação, no formato de oficinas e palestras, com programação decorrente da avaliação coletiva dos resultados obtidos ao longo dos encontros do curso. Trata-se, portanto, da tentativa de constituição de um espaço permanente de discussão sobre o

tema da educação patrimonial, envolvendo diretamente os professores, como principais sujeitos da valoração local do patrimônio.

Notas

(1) Bacharel pela FAUUSP e especialista em Gestão do Patrimônio Cultural pela Universidade de Salamanca. Atualmente desenvolve pesquisa na FAUUSP, em nível de mestrado, sobre a pedagogia libertária do movimento anarquista.

(2) Atualmente constituída pelo Especialista em Laboratório Gabriel de Andrade Fernandes, pelas estagiárias Carla Teodoro Costa e Priscilla Liberato Narciso, assim como pela bolsista (pelo Programa Aprender com Cultura e Extensão da Pró-Reitoria de Cultura e Extensão da Universidade de São Paulo) Maria Helena Menezes Garcia. Também foi fundamental, para a viabilização do curso, a atuação da Especialista em Pesquisa Cibele Monteiro da Silva.

(3) Os eixos do CPC estão atualmente em processo de reestruturação. Parte das atribuições do eixo “Memória e uso qualificado do patrimônio cultural” (que deve ser extinto) deve ser assimilada pelo eixo “Memória e educação”, atualmente em discussão. A mudança ressalta o papel relevante da educação na definição da identidade do órgão.

(4) Atualmente a equipe de Educação do CPC trabalha em parceria com a Escola Municipal Celso Leite Ribeiro Filho e com a Escola Estadual Maria Augusta Saraiva.

(5) Trata-se de um blog hospedado em servidor externo ao da universidade e ao próprio sítio do CPC na internet: infelizmente, não houve tempo hábil para produzir recurso semelhante interno a tal sítio, o que levou a equipe a buscar uma solução amadora. [<http://formacaoemeducacaopatrimonial.blog.com>]

(5) <http://formacaoemeducacaopatrimonial.blog.com/presenca/>

(6) As fragilidades conceituais demonstradas giram em torno de três problemáticas centrais: 1. a associação da preservação à manutenção de um “estado original”, bem como a idealização da “originalidade” como principal característica do bem patrimonial; 2. a preservação da memória como interface, quase absoluta, da determinação do bem patrimonial, sem relativizá-la pela indagação sobre a permanência do bem no presente e sua inserção na cultura local como um objeto vivo; 3. o uso recorrente do patrimônio como suporte ou instrumento do ensino de conteúdos diversos, minorando as abordagens acerca das dimensões patrimoniais em si.

(7) Entendemos que o tipo de trabalho a ser conduzido sobre tais problemas poderia ser discutido com os próprios alunos do curso, avaliando com eles os possíveis encaminhamentos, a partir da explicitação das dificuldades individuais e das debilidades apontadas por eles para a proposta do curso. Esse processo de avaliação coletiva está em andamento. Ademais, o projeto do curso e algumas reflexões sobre seu desenvolvimento e resultados foram encaminhados ao I Congresso Internacional de Educação Patrimonial, realizado pelo IPCE (Instituto del Patrimonio Cultural de España, Madrid), em outubro de 2012, na forma de artigo e comunicação oral.

(9) A proposta de constituição deste laboratório deve ser realizada durante o segundo semestre de 2012, e a próxima edição do curso está prevista para o primeiro semestre de 2013.

Referências bibliográficas

CHAHIN, Samira Bueno. "Contenidos, metodologías y prácticas: formación de profesores como agentes de valoración del patrimonio cultural". In *Anais do Primeiro Congresso Internacional de Educación Patrimonial*. Madrid: IPCE 2012 (no prelo).

FREIRE, Paulo. *Educação como Prática da Liberdade*. São Paulo: Paz e Terra, 1998.

_____. *Pedagogia do Oprimido*. São Paulo: Paz e Terra, 1987.

Textos discutidos ao longo dos encontros:

ANDRADE, Julia Pinheiro. *Cidade Cantada: Educação e Experiência Estética*. São Paulo: Editora Unesp, 2010.

FREIRE, Paulo. Oitava carta. Identidade cultural e educação. In *Educação Patrimonial: Orientações ao Professor*. João Pessoa: Superintendência do IPHAN da Paraíba, 2011, p. 32-35.

PAOLI, Maria Célia; ALMEIDA, Marco Antonio. Memória, cidadania, cultura popular. In *Revista do IPHAN*, n. 24, 1996.

RODRIGUES, Marly. De quem é o patrimônio. In *Revista do Patrimônio Histórico Artístico Nacional*, n. 24, 1996, p. 195–203.

RUBINO, Silvana. O mapa do Brasil passado. In *Revista do Patrimônio Histórico Artístico Nacional*, n. 24, 1996; p. 97–105.

SANTOS, Maria Célia. Museu e educação: conceitos e métodos. In *Educação Patrimonial: Orientações ao Professor*. João Pessoa: Superintendência do IPHAN da Paraíba, 2011, pp. 22-31.

Créditos

*Bacharel em Arquitetura e Urbanismo pela FAUUSP. Atualmente atua como especialista em Laboratório no Centro de Preservação Cultural da Universidade de São Paulo. gaf.arq@usp.br

**Bacharel em Arquitetura e Urbanismo pela FAUUSP, especialista em Gestão do Patrimônio Cultural pela Universidade de Salamanca e mestranda na FAUUSP. samira_chahin@yahoo.com.br